

## À sombra da bufunfa

Paulo Nogueira Batista Jr.

Outro dia, estava deitado no sofá da sala, tranquilo, lendo, enquanto a minha mulher andava para lá e para cá, arrumando a casa e cuidando dos netos, quando ela de repente exclamou: “Em outra encarnação, quero ser homem – e economista”.

Não sei, leitor, porque temos reputação tão ruim. Há muito reflito sobre essa questão sem encontrar resposta satisfatória. Insinuar que levamos vida mansa é de uma injustiça flagrante, diria mesmo escandalosa. O economista prima, em verdade, pelo ativismo e consegue vender as mais variadas ideias e informações – inclusive as que não tem.

Projeções econômicas e financeiras, por exemplo. Dizem nossos inúmeros e ferozes detratores que somos extraordinários profetas – mas do passado, só do passado. E, no entanto, não há quem não nos consulte sobre o futuro, especialmente nessa época do ano. Percorra o noticiário, leitor, e verá que aparece sempre algum comentarista econômico pontificando sobre o que esperar, ou não esperar, em 2014.

Outro sintoma da nossa importância é que poucas profissões são alvo de tanta piada e deboche – talvez só “a mais antiga das profissões” nos supere nesse quesito. Qual a melhor maneira de perder dinheiro? A mais rápida, com jogo; a mais agradável, com mulheres; a mais infalível, com economistas. É o que propagam. E, no entanto, não há empresa de gabarito que não tenha a sua bem fornida assessoria econômica. E o que seria dos governos sem as suas equipes econômicas? Como fariam para montar e justificar suas medidas, iniciativas e providências?

Uma característica notável da nossa profissão é a capacidade de conferir alguma verossimilhança às ideologias mais extravagantes e descabeladas – sinal inequívoco de imaginação criativa. “A ideologia é uma plataforma precária”, já dizia Maria da Conceição Tavares. Isso vale para as ideologias de direita e de esquerda – as primeiras, claro, muito melhor remuneradas. E aí aparece novamente o economista com sua clarividência e sentido de oportunidade.

A aliança com o dinheiro garante o futuro dos nossos profissionais. Todas as intuições e palpites brilhantes da turma da bufunfa encontram no economista a sua fundamentação mais elaborada e mais científica. O que na boca de um bufunfeiro, mesmo dos mais graúdos, parece apenas uma ideologia arbitrária, adquire na elaboração do economista ares e autoridade de ciência.

Diante do alarido dos críticos, só nos resta repetir dom Quixote: “Ladram, Sancho, sinal de que cavalgamos”.

Paulo Nogueira Batista Jr. é economista e diretor-executivo pelo Brasil e mais dez países no Fundo Monetário Internacional, mas expressa os seus pontos de vista em caráter pessoal.

E-mail: [paulonbjr@hotmail.com](mailto:paulonbjr@hotmail.com)

Twitter: @paulonbjr

Artigo publicado em “O Globo” em 4 de janeiro de 2014.

Paulo Nogueira Batista Jr. é economista e diretor-executivo pelo Brasil e mais dez países no Fundo Monetário Internacional, mas expressa os seus pontos de vista em caráter pessoal.

E-mail: [paulonbjr@hotmail.com](mailto:paulonbjr@hotmail.com)

Twitter: @paulonbjr